



Os Três Pilares de uma Transformação Militar

Dr. Jaime García Covarrubias¹

ULTIMAMENTE VEM SE formando uma idéia regional de que é necessário reformar, modernizar ou transformar as forças armadas. Esta tendência se baseia no processo natural de acompanhar os avanços no mundo e nas grandes mudanças ocorridas na situação internacional, iniciadas nos anos 90, no entanto baseia-se também no costume de alguns países da América Latina seguirem os mesmos passos do que fazem os EUA. Como sabemos, nos Estados Unidos sob a administração do Presidente Bush e do ex-Secretário de Defesa Rumsfeld, começou-se um processo profundo intitulado “transformação militar”.²

Nos países da região, o primeiro problema dessa transformação começa com o título da tarefa a ser realizada, já que para os que têm uma visão mais política os conceitos de reformar, modernizar ou transformar são sinônimos, enquanto que para os especialistas são absolutamente diferentes. Essa dicotomia é absolutamente normal quando se define desde o discurso político até o processo técnico com mais profundidade, particularmente nas sociedades onde os segmentos militar e o político estão distanciados e intensas diferenças de pontos de vista perduram em muitos casos.

Sem dúvida, além do nome do processo e antes de começar qualquer mudança de natureza profunda nestas organizações, o primeiro problema ou o fundamental é saber como se compõem as forças armadas e suas bases de apoio. O segundo problema é a falta de compreensão dos fenômenos que envolvem essas forças militares. Para superar esta última consideração é vital compreender que as forças armadas se apóiam em pilares ou componentes básicos. O primeiro é a sua **natureza**, já que esta nasceu para cumprir uma tarefa que a sociedade lhe legou desde sua criação. O segundo é que o estado lhes dotou com uma **estrutura jurídica** ou de **legalidade** e o terceiro é que o estado lhes proporciona certas **capacidades** ou meios para que cumpram suas tarefas constitucionais de acordo com a estrutura jurídica vigente. Estes componentes ou eixos básicos atuam entre si e ao serem modificados influenciam os outros. Portanto, as opções de reformar, modernizar ou transformar estão profundamente ligadas e ao alcance do que se necessita realizar.

O Brigadeiro (R/1) Jaime García Covarrubias é Diretor de Ciências Políticas e Sociológicas da Universidade de Salamanca (Espanha), e possui o título de Mestrado em Ciências Políticas pela Universidade do Chile e o de Bacharel em Ciências Militares pela Academia de Guerra do Chile. É diplomado pelo Centro de Estudos Diplomáticos e Estratégicos de Paris (França) e da Sociedade de Estudos Internacionais de Madri. Também possui o título de Doutorado em História da Civilização do Ocidente Moderno pela Universidade de Paris Sorbonne. Se desempenhou como professor e diretor da Academia de Guerra. Atualmente é professor do Instituto de Ciências Políticas da Universidade do Chile, Universidade Central e Universidade Central Andrés Bello. É autor e co-autor de livros e artigos de sua especialidade no Chile e no estrangeiro.

O terceiro problema se focaliza na necessidade de um modelo de estudo para compreender os componentes essenciais que envolvem essas forças militares. Este assunto é particularmente importante quando não existem na região esquemas analíticos que ajudem a discussão do tema militar.

Este artigo não pretende dar um nome ao processo que terá que ser determinado de acordo com cada realidade específica, sendo que seria melhor objetivar na proposta de uma modalidade de estudo capaz de analisar os componentes que serão afetados quando se empreende este tipo de ação. Além do mais, como todo modelo não é um fenômeno em si, mas sim, um esquema que pode ajudar a esclarecer.³ Da mesma forma, quero salientar que não é a primeira vez que apresento este tema, já que o tenho proposto em termos gerais em alguns artigos anteriores e nas minhas aulas de Profissão Militar e de Transformação da Defesa no Centro de Estudos Hemisféricos para a Defesa.⁴

Definindo o Nome do Processo

Muitos autores ao longo da história têm colocado ênfase nas mudanças no mundo militar e como estas têm sido decisivas no progresso da civilização. Alguns autores têm chegado a manifestar que as guerras, além de terem conseqüências como a morte, destruição e dor, têm se constituído numa boa oportunidade para o desenvolvimento tecnológico no mundo. Seguindo esta mesma idéia podemos dizer que no mundo moderno existe um vínculo de ida e volta. As guerras produzem desenvolvimento tecnológico para ser empregado em tempo de paz e os avanços tecnológicos durante o período de paz colaboram para o desenvolvimento técnico militar. Ambos se convertem em fatores multiplicadores. O retrocesso nuclear, por exemplo, é uma mostra tangível da relação entre a tecnologia e a estratégia.

A evolução das forças armadas é natural e está ligada a sua dependência tecnológica. Desde as primeiras armas pré-históricas até as armas mais avançadas, observamos uma longa lista de armamentos que desde seus primórdios tentaram ganhar maior letalidade, maior distância do inimigo e maior velocidade. Por isso, é impossível pensar num dispositivo militar estático sem evolução,

já que isso significaria que os exércitos atuais tornar-se-iam organizações primitivas. Da mesma forma, o mesmo tem acontecido com a sociedade global onde os avanços e mudanças se constituem em rotinas. Conseqüentemente, a tecnologia tem tido um grande impacto nos campos estratégico e tático.⁵ Dessa forma, se produz uma cadeia de circunstâncias que iria provocar impactos e algumas mudanças necessárias.⁶

Recentemente, assim como os EUA, todos os países na América Latina também têm tido seus respectivos processos de desenvolvimento. Não necessariamente adotam algum título ou nome específico que poderia comprometer a sua substância ou independência. São processos chamados comumente de “modernização” que levam a cabo a reestruturação do dispositivo militar. De uma maneira geral podemos comprovar o seguinte: no ano 2003, o Chile modificou o nome do Plano de Modernização do Exército para somente “Transformação”, mas sem dúvida, não mudaram o conteúdo do programa; no Peru, o ministro de defesa anunciou que o país está se preparando para recuperar a sua capacidade operacional, sem assumir um nome específico; num determinado momento, o Uruguai deu sinais de que iniciaria um plano de transformação, contanto isso não passou de notícia; a Argentina não adotou um nome específico no seu intenso projeto de reforma que pretendia levar a cabo. O Brasil, que é um ponto de referência na região, também não adotou um nome específico.

O Paraguai não se encontra no processo de mudança militar. O governo de Evo Morales anunciou que iniciaria um profundo processo de reforma militar, fortalecendo a ação das forças armadas no desenvolvimento nacional e na ocupação das fronteiras interiores. O Equador, sob a administração dos presidentes Noboa e mais tarde Palácio, iniciou um processo de mudança na defesa que não alcançou seu objetivo final. A Colômbia, com sua grande transição de um exército de guarnição para um de desdobramento ou de mobilidade, vai de acordo com as necessidades de sua decisão e anunciou o aumento de sua força, contanto não se comprometeu em estabelecer um nome especial. A Venezuela é o país que provavelmente esteja mais inclinado a uma inovação nas suas forças armadas, contanto, por estar em oposição aos EUA, é possível que jamais

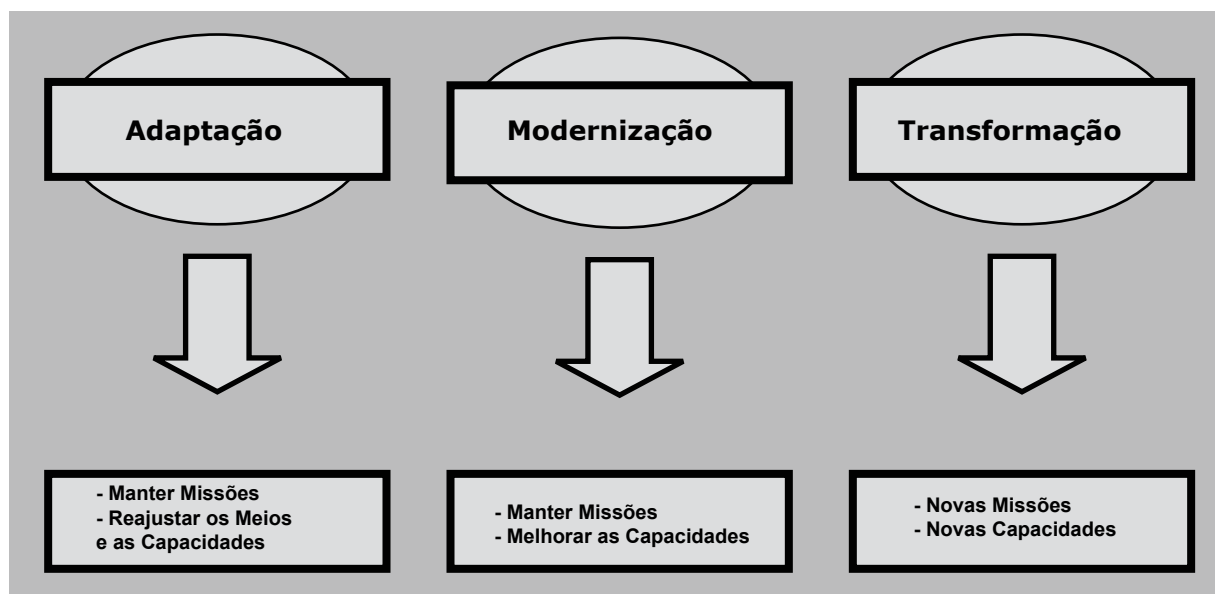


Figura 1

adote um nome de transformação. Os países da América Central, com exceção da Nicarágua, estão inclinados a adotar um nome, entretanto ainda não desenvolveram os fundamentos necessários a uma transformação. O México não anunciou planos de transformação. Por sua vez, o Caribe está inseguro numa realidade diferente e outros países desenvolvem missões conhecidas em inglês como “*constabularies*”, ou seja, tipo polícia. Todavia, o âmago destas características também pode estar sujeito a processos de transformação.

Reitero que o nome da transformação está se impondo pelo impacto de seu significado na agenda de defesa dos EUA. No entanto, devemos esclarecer que atualmente na região se usa o nome como um sinônimo de um processo de mudança, reforma, modernização ou reestruturação, o que não significa necessariamente a mesma interpretação norte-americana.

Numa conclusão teórica, poderíamos dizer que estão se usando três conceitos que no caso dos EUA são: adaptação, modernização e transformação. Para o caso latino-americano, me parece que as interpretações mais adequadas destes conceitos seriam: **adaptação** — que consiste em adaptar as estruturas existentes para continuar cumprindo com as tarefas previstas; **modernização** — otimização das capacidades para cumprir a missão de uma melhor forma e **transformação** — desenvolvimento das novas

capacidades para cumprir novas missões ou desempenhar novas funções em combate.⁷ Em poucas palavras a transformação implica numa mudança muito mais radical já que envolve mudanças nas missões e tem um alcance não somente técnico, mas também político (Veja Figura 1).

O Triângulo dos Componentes da Organização Militar

A primeira pergunta a ser feita é: por que foi escolhido um triângulo para explicar os componentes da organização militar? Ao estudar a história do homem na terra constatamos que o triângulo foi venerado por culturas ancestrais já que proporciona não somente a solução matemática de fenômenos que não podem ser explicados com uma opinião baseada somente na simples observação, mas também porque tem vínculos profundos com a filosofia.⁸ Este conteúdo filosófico tem sido expressado no mistério egípcio da construção das três pirâmides perfeitas que se assemelham a constelação de Órion, constituída por três estrelas, na mesma orientação das pirâmides. Além disso, sociedades herméticas lhe deram grande relevância como um guia da existência humana.⁹

Por exemplo, a filosofia alemã, aproveitando o triângulo, configura a pirâmide do saber humano identificando a base como o contato com a

realidade e o conhecimento vulgar ou empírico. Na metade, o conhecimento científico e no cume a soma do conhecimento filosófico e científico (Veja figura 2). Muitas outras disciplinas têm usado o triângulo ou a pirâmide para explicar suas próprias taxonomias. Da mesma forma, as forças armadas as utilizam para interpretar a evolução profissional, às vezes sem reparar a orientação de um dos terços da pirâmide, o qual representa uma profunda filosofia e que necessita possuir certos requisitos de evolução do conhecimento e não somente representar uma ascensão oficial.

Em suma, o triângulo e a pirâmide têm uma importância fundamental para mostrar a relação simétrica entre três idéias. Por isso e pela importância simbólica que acarreta, o triângulo foi escolhido, já que representa a interdependência de três idéias essenciais apoiadas pela importância do conteúdo filosófico, político e tecnológico que desejo expressar neste modelo.

Como salientei anteriormente, as forças armadas se baseiam em torno de três componentes básicos que são a natureza, a estrutura jurídica e as capacidades ou meios. Estes componentes são independentes e ao se atuar em um deles gera-se impacto nos outros. Por exemplo, se resolvemos mudar a natureza de uma organização, teremos que definir uma nova estrutura legal e doar-lhe outras capacidades diferentes das que tinha anteriormente (Veja Figura 3).

A natureza das organizações precisa ser encontrada na história, assim como a dos seres humanos, pois constitui-se num aspecto importante que é um testemunho da trajetória do homem e de suas organizações no planeta. De outra forma, ficamos com uma história “sem” história, correspondente ao período em que não temos um testemunho escrito.¹⁰

Com relação à natureza das forças armadas eu a orientei na direção do vértice superior do triângulo onde está o conhecimento, porque não pode haver uma compreensão total das forças armadas se sua natureza é desconhecida. Contanto, quais são as raízes da natureza das forças armadas?

No meu ponto de vista, creio que derivado da necessidade de subsistir, há um momento que o homem deve lutar e se organizar considerando a melhor forma de combater outros homens. As lutas eram causadas pela necessidade de controle de espaço onde havia comida, água e fogo. Em

resumo, a origem da luta entre os homens era provocada pela necessidade de controlar o acesso ao que conhecemos como elementos essenciais da criação.¹¹ Nessa última idéia está a origem da organização militar.¹² Se argumenta, então, que na natureza dos exércitos, a resolução das disputas entre os homens é feita por meio de armas. Outro aspecto que é importante ressaltar quando estamos identificando a natureza das forças armadas é sua vinculação com o poder. Desde que surgiram as primeiras organizações sociais, o poder estava estruturado sobre a base de três funções antropológicas que eram respectivamente: a capacidade de se organizar e manter uma ordem social (função política, incluída a economia); a de lutar pela subsistência (função militar) e a crença na existência de um julgamento superior (função religiosa). Logo, desde os primórdios, quem desejar o poder terá que controlar estas três funções que vieram a ser conhecidas mais tarde como política, militar e religiosa. Desde o tempo dos faraós, estavam à frente monarcas que acumulavam estas funções em uma só autoridade, algo que a democracia busca separar.¹³

Como mencionei anteriormente, a natureza da instituição militar tem dois elementos essenciais: o primeiro é o emprego de armas para resolver disputas e o segundo é sua relação com o poder. A relação com o poder ocorre porque como já vimos antes, estes tipos de instituições fazem “parte” do poder.

A pergunta então é como se vai fundamentar e construir simbolicamente esta natureza? Minha resposta seria: de acordo com os valores militares. Como resultado, a “alma” da natureza, onde se encontram os valores militares, são símbolos ancestrais que têm vindo com o uso da prática de conduta e do exercício da atividade. Para alguns autores, estes valores ou virtudes militares, são os mesmos requisitos que um grupo humano necessitava nas suas origens como caçador.¹⁴ De acordo com o meu critério, os valores cardeais são bravura, patriotismo e honra, sendo este último de grande importância por se considerar o valor regulador dos demais, o qual deve-se cuidar para que o soldado tenha uma correta interpretação da realidade. Sendo assim, por exemplo, o mais importante na atualidade é a contextualização da profissão militar no cenário democrático.

Por sua parte, a organização democrática se encarregará de regular as missões, o meio ambiente e as tarefas, ou seja, no fundo, a institucionalizá-la como partícipe do poder legítimo, transformado em autoridade. Sem dúvida, a natureza não pode ficar abstrata sujeita a múltiplas interpretações e para que isso não ocorra deve ficar verbalizada juridicamente. Este último será o segundo componente do triângulo orientado num dos vértices da base, que simboliza igualmente a pirâmide do saber alemã, o contato com a realidade concreta, já que se expressa em corpos legais que correspondem a cada estado.¹⁵

Precisamente foi a regulação jurídica que fez as organizações militares realizarem a transição de suas formas mais ancestrais para a profissão militar formal como a conhecemos hoje. Para Huntington, a forma moderna da profissão surgiu na Prússia no dia 6 de agosto de 1808, quando se proclamou o decreto de designação dos oficiais do exército prussiano. No caso dos Estados Unidos, em 1875, quando o General Sherman requereu do General Upton a organização de uma força baseada na seleção por méritos, especialmente em especialização de aspectos institucionais, promoções e aposentadoria. Nessas regiões, estes foram os primeiros decretos dos exércitos.¹⁶

Estas regulacões jurídicas que provêm das respectivas constituições políticas, têm que recorrer à natureza para expressar a realidade. Esta conciliação entre a natureza e a realidade é a chave no processo de mudança nas forças armadas. Partindo destes ordenamentos, se determinam e oficializam as missões das forças armadas. Por exemplo, hoje as missões que se atribuem à força militar são: as missões convencionais

de defesa do território; as não-convencionais, particularmente na luta contra o terrorismo; a participação em operações internacionais; e o papel na contribuição ao desenvolvimento nacional e social. Os governos executantes terão que colocar estas missões em ordem de prioridade para determinar os recursos necessários. Se isso não for feito nunca haverá uma avaliação dos objetivos, pois eles se diluirão em missões diversas sem se atingir o objetivo principal.

Precisa se conscientizar de que, por esta forma legal, é possível reestruturar as forças armadas se suas missões não expressam suas naturezas. Por exemplo, se é determinado legalmente que uma força armada se dedique “somente” a construir estradas estaríamos corrompendo a legalidade de sua natureza. É claro que isso depende de cada país e não o condeno, pois simplesmente estamos falando de outra instituição e não das forças armadas. Assim mesmo, se pode corromper o papel das forças armadas na sociedade com a perda da importância de seu papel natural ao ser pouco a pouco substituído por um papel secundário que está efetivamente descrito pela lei. Isso ocorre, por exemplo, quando a missão de apoio e desenvolvimento nacional, social e cívico, se transforma na missão principal, subordinado aos que são mais inerentes.¹⁷

Sem dúvida, temos que aceitar as estruturas jurídicas distintas que foram integradas à natureza original de cada uma delas, concedendo uma forma moderna às forças armadas. Isso é o que conhecemos como “etos” institucional, ou seja, o de dizer qual é sua “forma” de vida adquirida com o passar do tempo. Em outras palavras, a natureza atual não é a interpretação “pura” da origem da função militar, no entanto, são a forma original, a evolução histórica e uma distinta estrutura jurídica que lhe têm modelado uma arquitetura como conhecemos na atualidade no mundo democrático ocidental. Obviamente, cada país tem dado as suas forças armadas suas respectivas estruturas, portanto sabemos que todos os sistemas jurídicos correspondentes no mundo ocidental obedecem aos mesmos preceitos, sendo por esse motivo que as forças armadas dos EUA, Europa e América Latina coincidem nos seus “etos” institucionais.

O mais importante é a estrutura jurídica de uma sociedade democrática que deve organizar a subordinação real e efetiva das forças armadas ao

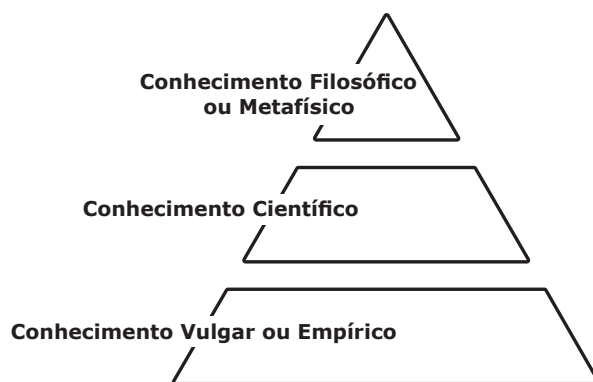


Figura 2

poder político. Por ela, tudo o que tem a ver com a relação político-militar encontra sua expressão neste vértice do triângulo.

No terceiro componente encontram-se as capacidades ou meios, entendidas como os instrumentos que as forças armadas possuem para cumprir suas missões. Sem dúvida, o assunto não é tão simples. Em síntese, as capacidades se definem como a “aptidão” que têm para cumprir a missão. Para refinar mais a operacionalização das capacidades teremos que observá-las nos níveis dimensionais da conduta ou da guerra.¹⁸ Na figura 4 se observa um triângulo invertido, mostrando com base na natureza das forças armadas; isso permite que na parte inferior do triângulo se formem três novos triângulos que representam o nível/dimensão política, estratégica e penetração político-estratégica. Esta última é representada por um triângulo invertido que vai ao centro. Neste exemplo, se percebe claramente porque se tem evoluído de “níveis” a “dimensões” na conduta ou na guerra.

O caráter invertido do triângulo se deve a duas razões. A primeira é que a discussão entre as equipes de trabalho dos níveis político e estratégico para estabelecer a solução estratégica tem o seu fundamento ou base na natureza das forças armadas; não discutiremos sobre ela, contanto a manteremos sempre presente neste nível/dimensão durante os trabalhos em torno dessa análise. Isto significa que todos os elementos essenciais da natureza das forças armadas se convertem nos componentes básicos para as equipes de trabalho do nível político-estratégico que trabalham para uma solução estratégica. A segunda razão provém da consideração que um nível mais alto de decisão da dimensão ou do nível político-estratégico analisa as implicações de todos os tipos que podem afetar a solução estratégica a ser adotada. Estas implicações correspondem à possível incompatibilidade da solução escolhida com a norma jurídica que emana do nível político (como por exemplo, tratados internacionais) e os efeitos de curto, médio e longo prazo que terá para as forças armadas na substituição, manutenção ou aquisição de capacidades. Por conseguinte, o vértice oposto à base que se orienta na natureza das forças armadas deve estar em contato permanente com a base do triângulo original (figura 2) onde encontramos a norma jurídica e as capacidades (**Veja Figura 4**).

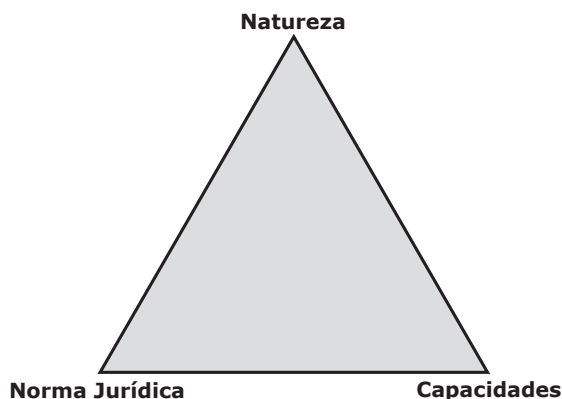


Figura 3

As capacidades são retiradas dos recursos e instrumentos do poder nacional que encontramos no nível ou dimensão política. Portanto, no nível ou dimensão estratégica, aparecem pela primeira vez com o nome de capacidades, que neste último constituem-se em algo como uma “caixa de ferramentas”, ou seja, um conjunto de instrumentos que nos permitiria satisfazer o conceito estratégico do modelo escolhido. As capacidades no nível estratégico são “potenciais”, desde que destinadas a uma missão. Isso significa que “permitem” ter aptidão a missões de determinadas características, como por exemplo, se a escolha de dissuadir terá que ter material com características ofensivas. Nos níveis operacional (já que somente alguns países o possuem) e tático se convertem em capacidades quando são coerentes com as características da missão. Uma capacidade potencial somente será uma capacidade real à medida que seja capaz de cumprir uma determinada missão. A chave é a missão que permite que exista uma capacidade ou não. Por exemplo, carros de combate constituem-se numa capacidade potencial desde que se determinem seus empregos. Se forem empregados em uma manobra ofensiva serão considerados como uma capacidade “real”. No entanto, se o empregarmos de forma defensiva será uma “não-capacidade” ou em outras palavras uma capacidade que se torna estéril. Outro exemplo, agora mais doméstico. Se pensarmos numa pessoa que gosta de esportes e tem tacos de golfe, chuteiras, bastões de baseball e outros equipamentos na sua casa, prontos para serem usados na prática desses esportes, estes, seriam equivalentes às capacidades estratégicas ou potenciais. Suponhamos que essa pessoa seja

convidada para jogar futebol e ela leva os seus tacos de golfe e não leva as chuteiras. Os tacos de golfe que eram de uma capacidade estratégica ou potencial perdem a sua condição de capacidade no nível/dimensão operacional ou tático ou quando o esportista em questão tenha que chutar a bola.

Quando falamos de capacidades, teremos que negociar com os conceitos que estão mais relacionados a estes, que são a limitação e a vulnerabilidade. Limitação é uma carência orgânica; é algo que não temos na nossa organização e que nos “limita” definitivamente para cumprir certas missões. Por exemplo, se não temos aviões de reconhecimento, não podemos fazer reconhecimento aéreo. Vulnerabilidade é quando as capacidades se encontram sem condições de emprego temporariamente. Em outras palavras, é uma “limitação transitória”. Por exemplo, quando os aviões de reconhecimento não podem voar devido às condições meteorológicas; isso significa que durante dois dias não teremos essa capacidade.

A Transformação e seu Impacto nos Componentes da Organização Militar.

Dizíamos que os conteúdos do conceito de transformação não têm sido empregados de pleno acordo em nossos países. O que está claro, mais do que digressões complexas, que “transformar” é uma reforma profunda e representa uma quebra no *status quo*. É mudar a orientação. Em suma, é empreender um novo caminho.

Os EUA apresentaram sua própria definição como “processo que se antecipa as mudanças naturais em assuntos de competência militar e de cooperação, por meio da combinação de conceitos, capacidades, indivíduos e organizações, explorando as vantagens da nação e protegendo-se das vulnerabilidades assimétricas”. A anterior era para sustentar uma posição estratégica adequada à manutenção da paz e estabilidade do mundo. No meu modo de ver, os conceitos-chave da definição são: “antecipa as mudanças naturais”, o que implica reconhecer que há mudanças que transcendem à vontade dos homens e que é necessário iniciá-las; outro conceito referido “a competência militar e de cooperação”, abrangendo não somente as guerras, mas também o que hoje se conhece como operações de estabilização.

Outros conceitos importantes são a necessidade de proteger-se contra as “ameaças assimétricas” e finalmente a necessidade de “manter a posição estratégica”.¹⁹ Outro aspecto muito relevante, que o ex-Secretário de Defesa Rumsfeld assinalava freqüentemente, era que a transformação deve ser iniciada na estrutura política da defesa (Departamento de Defesa), já aquela burocracia tem a responsabilidade de sua execução.

Certamente, a definição americana não tem muito a ver com a realidade na região e somente é coerente em relação aos desafios estratégicos da potência mundial dos EUA com ênfase especial na guerra assimétrica e na Guerra Global Contra o Terrorismo. Em suma, o que acontece na região é que o nome do processo que se começa a realizar em alguns países e, no caso dos EUA, quando se fala de “competência militar e de cooperação” com este, refere-se a ganhar “interoperabilidade” com os países amigos. Em outras palavras, o interesse de Washington é que os países da região tracem seus próprios caminhos e não venham a aderir processos de transformação similares ao norte-americano sem avaliar suas próprias necessidades de mudanças ou reformas, mas que desenvolvam a capacidade de interoperar com as forças norte-americanas.

Sem dúvida, as discussões ou diferentes perspectivas acerca do processo de transformação dos EUA estão plenamente vigentes. Para alguns, a ênfase das mudanças está na tecnologia, para outros a ênfase está nos processos e mais particularmente na educação. No meu ponto de vista, o cérebro do processo americano é o *Network Centric Warfare*, que integra os âmbitos cognitivo, da informação e o físico (plataformas tecnológicas e redes de comunicação) numa eficiente “red”²⁰ Este sistema, que pretende estabelecer uma diferença ou vantagem decisiva na forma de combater, encara da melhor maneira os três aspectos imprescindíveis no combate moderno, que são respectivamente, compartilhar conhecimentos, velocidade com precisão e a compressão operativa. Este último consiste em diminuir o tempo no ciclo de planejamento, organização, desdobramento, emprego e apoio à força.

Como afirmei anteriormente, em nossa região todas as forças armadas têm evoluído com o estado desde seus nascimentos por ocasião das

lutas pela independência. Para elas, falar-lhes das necessidades de transformar-se implica num processo de grande profundidade e chega a iniciar uma discussão que terá que centralizar-se nos componentes do triângulo. Por tanto, é um processo profundo que implica na realização de novas missões e papéis que nunca foram desenvolvidos antes ou, pelo menos, novas formas de operar que anteriormente não se conheciam. Nesse sentido e de imediato, a discussão se focalizará em cada um dos componentes do triângulo. Para alguns países, haverá a necessidade de revisão da natureza da instituição militar já que para eles a natureza está no questionamento e talvez já não justifiquem forças armadas centralizadas na defesa do território e sim mais voltadas para a segurança interna. Pode-se citar os casos da Costa Rica e do Panamá como exemplos desta opção. Sem dúvida, temos que considerar que qualquer decisão de mudança da natureza envolve em moldar um novo esquema jurídico e, também, as respectivas capacidades. Outros concentrarão suas idéias de reforma inicialmente nos aspectos jurídicos e legais, buscando a realização de mudanças profundas para que, posteriormente, possam ter um impacto na natureza.

Atualmente, na região se observa duas tendências político-econômicas. Uma é um pensamento sobre uma inter-relação aberta com a comunidade internacional e a outra, fechada, contrária à globalização e à economia livre, constituindo-se em uma nova referência da esquerda mais radical. Estas posições repercutirão na interpretação da natureza e no esquema jurídico das forças armadas. Por elas será possível futu-

ramente distinguir os processos gerais de reforma das forças armadas: os que adotam uma lógica mais próxima a dos EUA, desenvolvendo interoperabilidade com este, e dos que sob a influência de Chávez delinearão suas forças armadas baseadas na defesa nacional. No caso da Venezuela, o projeto abrange o desenvolvimento de forças tipo milícias vindas da reserva de cidadãos. Esta idéia de defesa tem sido denominada de “Defesa Integral da Nação”.

Palavras finais

O objetivo deste artigo é chamar a atenção sobre as diferenças no processo de transformação dos EUA e daqueles países que puderam levar essa idéia a cabo na região. De fato, na América Latina qualquer intento de mudança no setor de defesa abrangerá uma maior profundidade, já que terá que dar não somente conta da estrutura operacional, mas também da estrutura de suporte das forças armadas. Portanto, abrangerá aspectos políticos, econômicos e sociológicos.

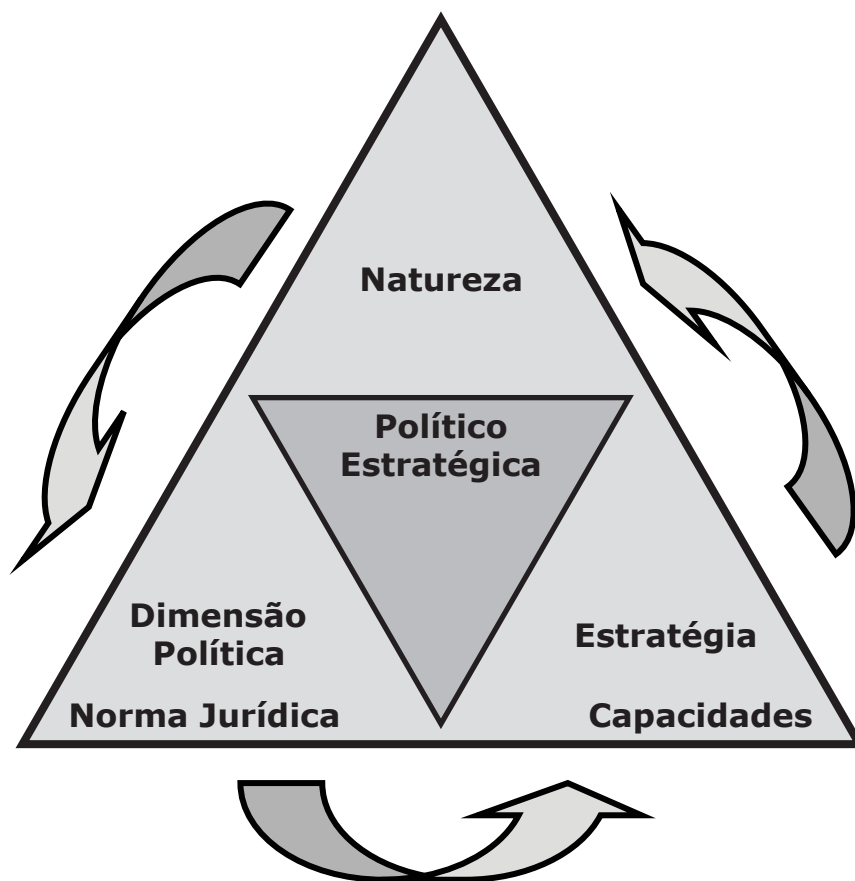


Figura 4

Neste contexto, minha idéia tem sido de edificar três pilares essenciais sobre os quais devem se apoiar qualquer discussão e estudo deste tema. Como sinal, natureza, esquemas jurídicos e capacidades que constituem os elementos essenciais que distinguem uma força armada das outras. Por exemplo, se tomarmos três exemplos na região poderia se dizer que há países que centram ou centraram suas discussões e decisões no aspecto natureza. Este é o caso da Costa Rica, que definitivamente transformou a natureza. O Paraguai, por exemplo, colocou as suas preocupações no esquema jurídico, especificando na Constituição de 1992 aspectos bem precisos sobre o emprego da força militar e elaborando projetos legais de organização para os setores de defesa e da força militar que estão pendentes desde 1999. O terceiro exemplo é o caso do Chile, o qual pôs ênfase nos processos de modernização (transformação) das capacidades, adquirindo novos sistemas de armas para substituir o existente.

Se focalizarmos a ênfase da transformação nas capacidades poder-se-ia dizer que alguns pontos que marcam uma transformação real seriam os seguintes:

- Transição da organização de tempo de paz para operacional; isto significa resolver um

problema orgânico de se ter praticamente duas forças terrestres. Uma que possua uma burocracia voltada para paz duradoura e outra dedicada às operações.

- Obtenção da compressão operativa. Isso em poucas palavras seria diminuir a distância funcional entre o general e o soldado. A ordem deverá chegar ao escalão subordinado com maior rapidez. Significa diminuir o ciclo de planejamento, organização, desdobramento e apoio.

- Alcance de maior intra-operabilidade e de capacidade de realização de operações combinadas com países amigos. Isso também significa mover-se na direção de um conjunto de âmbito interno.

- Desenvolvimento preciso com rapidez dos sistemas de armas.

- Compartilhar o conhecimento e a informação de forma eficiente, baseados na tecnologia.

Em síntese, hoje as mudanças são tão rápidas que a adaptação, modernização ou transformação das forças armadas deverá ser uma atividade permanente e não resultante de planos adotados periodicamente que quando alcançam os objetivos planejados podem estar obsoletos mais uma vez.**MR**

REFERÊNCIAS

1. Professor no Centro de Estudos Hemisféricos de Defesa, Washington, DC. Disponível em: garcia@ndu.ndu
2. Ainda que nos EUA os processos de inovação na área de defesa tenham sempre ocorrido, este último chamado de "Transformação", referente a chamada guerra da era da informação, tem sido uma parte importante do programa do governo do Presidente Bush. O ex-Secretário Rumsfeld foi um dos seus mais ardentes defensores.
3. Os modelos são úteis para estudar fenômenos ou sistemas complexos. Representam o que tem que ser estudado de uma forma simples, centrando-se nos aspectos que se consideram importantes e eliminando-se detalhes.
4. As opiniões que exponho neste trabalho não comprometem o Centro de Estudos Hemisféricos da Defesa nem o Departamento de Defesa.
5. Por exemplo, talvez a influência mais evidente na estratégia militar é a dificuldade que existe hoje em se calcular o poder militar.
6. TOFFLER, Alvin baseia neste princípio verdadeiro a sua teoria das guerras das diferentes Organizações Latino Americanas. Veja as "Guerras do Futuro" ou seu título original em inglês *War and Anti-War*. Foi traduzido em aproximadamente 10 idiomas. KEEGAN, John trata com bastante profundidade neste tema na sua obra "História da Guerra" em seu título em inglês *A History in Warfare*.
7. COVARRUBIAS, Jaime García, "Transforming in Peace and War", *Military Review*, (Edição em inglês de maio-junho de 2005)
8. A trigonometria é o ramo da matemática que estuda as relações entre os lados e os ângulos dos triângulos. Etimologicamente significa 'a medida dos triângulos'. As primeiras aplicações se fizeram nos campos da navegação, geodésica e astronomia, nos quais o principal problema era determinar uma distância inacessível como a distância entre a Terra e a Lua. Encontra-se notáveis aplicações das funções trigonométricas na física e em quase todos os ramos de engenharia, sobre tudo no estudo dos fenômenos periódicos como o fluxo da corrente alternada.
9. O ângulo do triângulo está apontado para cima, significando que toda a dúvida que exista na base ou abaixo a solução será encontrada. Op. cit. COVARRUBIAS,

- Jaime García
10. Recordamos que Heródoto visitou o Egito e escreveu sua obra sobre as pirâmides, aproximadamente 2000 anos depois de sua construção.
11. Até hoje o homem continua lutando basicamente para controlar os mesmos elementos os quais o permitem subsistir, tal como o espaço (terra/ar) o acesso a água e a energia (fogo).
12. Inicialmente era uma função antropológica que se transforma em profissão, fazendo parte da evolução da organização social.
13. Para maior explicação sobre este ponto consulte COVARRUBIAS, Jaime García "La profesion militar hoy y mañana" publicado em *RESDAL*. Disponível em: <http://www.resdal.org/producciones-miembros/art-garcia.html>
14. De acordo com ARDREY, Roberts seria valor, cooperação, responsabilidade, lealdade, sacrifício, ação combinada (equipe de trabalho) e liderança.
15. Estas leis são elaboradas e ditadas pela cidadania representada pelos deputados/senadores e por tudo que provem da realidade ou cenário concreto.
16. Segundo meus dados a mais antiga é a do Peru, em 1827.
17. Atualmente, as forças armadas cumprem quatro missões básicas: Missões convencionais, Missões não convencionais, Operações internacionais de apoio a paz e Apoio ao desenvolvimento nacional ou social. Esta missão é tradicional porque sempre existiu na região, contudo, se distancia da natureza original das forças.
18. Atualmente, tem-se iniciado a usar o termo "dimensão" no lugar de "nível". Nível tem uma interpretação somente horizontal quanto que a dimensão abrange o horizontal e o vertical. Sem dúvida, neste artigo usamos ambas, já que "nível" seja comumente aceito e reconhecido na região. Recomenda-se *Alcance y Realidades de lo Político-Estrategico*, Catedra Seguridad y Defensa, ANEPE, Chile, 2005.
19. Department of Defense, Transformation Planning Guidance, abril de 2003, p.3
20. Para um estudo mais profundo se sugere *The Implementations of Network Centric Warfare Office of Force Transformation*, janeiro de 2005.